

O CONTO DE FADA A PEQUENA VENDEDORA DE FÓSFORO COMO INSTRUMENTO PARA O LETRAMENTO LITERÁRIO NO ENSINO FUNDAMENTAL

Fábria Nailza Fernandes de Sales Morais¹

RESUMO: Neste trabalho, pretendemos nos focar sobre a temática de letramento trazendo como foco de análise o gênero literário o conto de fada A pequena vendedora de fósforo, de Hans Christian Andersen. Nosso objetivo é conhecer como as práticas de letramento literário estão sendo desenvolvidas, averiguando a relação que os alunos têm com o gênero conto e, a partir daí, poderemos lançar alternativas que possam contribuir para a formação de leitores competentes e atuantes. Assim, analisaremos tanto a prática empregada pela professora como, e principalmente, o processo de formação da criança com a leitura literária. Para tanto, realizaremos uma pesquisa de campo em uma turma do ensino fundamental da Escola Municipal Lindaura Silva na cidade de Apodi/RN. Dessa forma, nossos estudos se estruturam primeiramente nos aportes teóricos, tendo como fio condutor o autor Rildo Cosson (2011), dentre outros, como também nas observações e anotações sobre o processo de letramento literário na sala de aula e de um questionário com a professora da turma.

Palavras-Chave: Letramento literário, Conto de fada, Leitura literária, Séries Iniciais

THE FAIRY TALE OF THE LITTLE MATCH SELLER AS A TOOL FOR LITERARY LITERACY IN PRIMARY EDUCATION

ABSTRACT: In this work, we intend to focus in on the subject of literacy as bringing focus is the literary genre of the fairy tale The Little Match -seller, Hans Christian Andersen. Our goal is to understand how the practices of literary literacy are being developed by examining the relationship that students have with the tale genre and hence we can launch alternatives that may contribute to formation of competent and active readers. So therefore investigated the practice employed by the teacher as, and especially, the process of training the child with the literary reading. To do so, we will have a field research in a class of elementary school Lindaura Silva Municipal School in the city of Apodi. Thus, our studies are structured primarily on theoretical contributions, with the thread Rildo Cosson (2011) and among others, as well as the observations and notes on the process of literary literacy in the classroom and a questionnaire with the classroom teacher.

Keywords: Literacy literary, Fairy Tale, literary reading, early grades.

¹ Graduada em Pedagogia pela Universidade Estadual do Rio Grande do Norte (UERN) e Pós Graduada em Literatura e Ensino no Instituto Federal de Ciência e Tecnologia do Rio grande do Norte – IFRN

1 INTRODUÇÃO

No momento atual, em que as transformações ocorrem em ritmo acelerado, a sociedade exige do cidadão adaptabilidade às mudanças e atualização constante, dessa forma, a busca pelo conhecimento é incessante. Assim, as instituições escolares estão sendo desafiadas a preparar os estudantes para atuar nesse contexto social cada vez mais competitivo, exigindo do sujeito as habilidades práticas de leituras e escritas para se tornarem seres emancipados, críticos, reflexivos e atuantes, dentro do que o social permite. Porém, por ser a busca pelo conhecimento um alvo incessante, é que torna-se imprescindível engendrar uma visão problematizadora sobre ela, sua corrida e valoração do utilitarismo dos bens culturais, como é o caso de muitos livros denominados “literários” que, de certo modo, coaduna-se a uma persistência em manter uma vigilância sobre todo discurso, de maneira que não possa corroer seu verniz: abre, por sua vez, a possibilidade de repensá-los enquanto criação e o contexto onde fora produzido.

Sendo assim, a leitura ultrapassa os vícios da decodificação e possibilita que o leitor mantenha um diálogo com o autor, sendo capaz de construir outro texto em detrimento de suas experiências de mundo. É nessa perspectiva de saber fazer uso dessas práticas de leitura e escrita que surgiu o conceito de letramento na qual abordaremos mais à frente.

Partindo desse pressuposto, podemos dizer que é através da leitura crítica que tomamos posse dos demais conhecimentos: seja cultural, político, econômico ou social, além da sensibilidade estética, emocional, sentimental e dentre outras que a leitura literária nos proporciona. É preciso que as discussões estejam cada vez mais acentuadas ao processo de leitura, as novidades do letramento e a importância da literatura na formação pessoal e intelectual do ser humano. Candido (1995) relaciona a literatura com os direitos humanos, enquanto aspecto que condiciona a humanização pela formação crítica de um corpo social.

A literatura corresponde a uma necessidade universal que deve ser satisfeita sob pena de mutilar personalidade, porque pelo fato de dar forma aos sentimentos e à visão do mundo, ela nos organiza, nos liberta do caos e, portanto nos humaniza.

Negar a fruição da literatura é mutilar a nossa humanidade (CANDIDO apud COSSON, 2011, p.15)

Nas linhas circunscritas no excerto acima, depreende-se que todos têm igual direito de acesso aos bens culturais e destaca a importância das produções literárias. Produção essa que deve ser disseminada no âmbito escolar, haja vista que algumas crianças só têm acesso aos textos literários na escola, por fatores que vão desde a um convívio familiar onde há pouco, ou nenhuma profusão de leitura, a presença de políticas que, embora estejam presentes, ainda são pífias quanto à capacitação de professores para motivá-los a desenvolver pesquisas e atuações em sala de aula no que concerne ao ato de leitura e suas complexidades.

No que concerne a oralidade Terzi (1992) nos faz refletir que uma criança que convive em lares letrados, tem uma tendência a se desenvolver mais rápido do que aquelas em que os pais, além de não leem, não estimulam as crianças. Essas crianças apresentam um nível de letramento ainda incipiente, porém, apresentam uma experiência quanto à linguagem oral adquirida na interação com o grupo, comunidade, a qual não pode ser desprezada pela escola.

Por abarcar naturezas tão complexas e quase antagônicas, por não haver receitas prontas de como se ministrar aulas de Literatura, como é recorrente tanto em livros didáticos e outros meios de circulação voltados ao público docente, torna-se importante observar e, sobretudo, engendrar maneiras de como ser possível a escolarização sem redução a meros pretextos que não o literário: ao se pensar literatura inserida em práticas sociais como maneira de compreendê-la e até mesmo questioná-la, o conceito de Letramento condiciona o exercício de práticas de leitura que implica um pensar sobre esses aspectos, em que decorre a atividade de leitura e escrita.

Partindo dessas considerações, observamos o que diz Cosson (2011).

[...] devemos compreender que o letramento literário é uma prática social e, como tal, responsabilidade da escola. A questão a ser enfrentada não é se a escola deve ou não escolarizar a literatura, como bem nos alerta Magda Soares, mas sim como fazer essa escolarização sem descaracterizá-la, sem transformá-la em um simulacro de si mesma que mais nega do que confirma seu poder de humanização” (COSSON, 2011, p.23)

Segundo o autor, há uma falência na forma como a literatura vem sendo trabalhada nas escolas, muito pela forma conteudística impregnada nos programas curriculares: literatura focada em ensino de gramática, geografia, história e outras disciplinas. Embora dialogue com essas e outras matérias, permanece relegada a um secundarismo que contribui para tornar desconhecidas as suas veredas profícuas essencializadas na solidão e imaginário, para deleite e/ou fruição. Cabe a instituição de ensino, em suas práticas literárias, efetivar a leitura dos textos de modo que essa leitura não fique estagnada às informações meramente historicistas ou com fins moralistas, haja vista que a leitura literária pode ser vista como uma experiência a ser compartilhada pelo aluno sem a obrigatoriedade do ato de ler, sendo cultivada dentro e fora da escola.

É preciso estimular os alunos a vivenciar as emoções através dessas leituras, a fazer o exercício da fantasia, imaginação e da compreensão. A leitura é um aporte para a prática do letramento, cujos fatores marcantes nesse processo é a criticidade, por fornecer ao aluno ressignificações do que foi transmitido na sala de aula e, principalmente, trazer interrogações do que fora apreendido.

Destarte, o foco do letramento literário não pode exigir do aluno só a leitura dos gêneros literários, mas o aprendizado da compreensão e da significação desse gênero. É através da leitura e da escritura dos textos literários que “encontramos o senso de nós mesmo e da comunidade a que pertencemos”. (COSSON, 2011, p.17)

É relevante mencionar a visão socioconstrutivista que Lemos (1988), apud Rojo (1995), p. 70-71) levanta sobre o desenvolvimento da linguagem escrita e a relação oralidade/letramento. De acordo com a autora o processo de letramento da criança depende da interação, participação em práticas orais em que estejam inseridas, sejam em ambiente familiar, escolar entre outros em que possam construir uma relação com a escrita.

Objetivando não apenas a compreender, mas efetivar o exercício contínuo do estudo do texto literário na sala de aula, propusemo-nos a se apropriar das práticas de letramento no âmbito do ensino fundamental, mais especificamente no 2º ano, e qual a relação dos alunos com os textos literários, trazendo como foco a leitura e a escrita do conto A pequena Vendedora de Fósforo, de Hans Christian Andersen.

A escolha desse conto deu-se por estar estritamente relacionado à tradição oral em que figura aspectos prototípicos como o “era uma vez”, uma sequência nítida da narrativa tradicional (que se constituiu a partir dessa modalidade) como situação inicial, conflito, clímax, desfecho e situação final. Há vivências de natureza insólita (por parte dos personagens) por apresentar um universo fantástico em que a criança brinca com os aspectos maravilhosos, e através da sua natureza imaginária enquanto recriação de outros reais, apresenta uma linguagem coloquial a natureza subjetiva, intrínsecas ao ser, como o medo, amor, a carência, perdas e dentre outras interrogações circundantes.

Assim, percebemos que as narrativas possibilitam suscitar o imaginário (assim como outros campos das artes), pois tende a estimular o ser humano a engendrará-lo como estratégia de não se fixar rigidamente sobre a logicidade do pensamento, das relações humanas, visto como tornam mais ativas a curiosidade e a criatividade, por meio do contato com os livros, mais especificamente os que possuem tessitura artística: um aprendizado cuja finalidade é contatar outros saberes existentes, mas sem renunciar – ou até mesmo redescobrir – a identidade do leitor, contribuindo no processo formativo dos nossos alunos.

E é de seu caráter de subjetividade que se presentifica nas teias de textos literários (e os não-literários) que não podemos ver a leitura como um ato mecânico representada nos modelos tradicionais, mas como um processo complexo que envolve na sua leitura, “[...] um trabalho ativo de compreensão e interpretação do texto...” (PCN, 1998, p.69). Dessa forma, cabe às escolas promoverem ambientes favoráveis de leituras como também preparar seus docentes para uma prática eficiente e eficaz. Faz-se urgente desmistificar o conceito de ensino de Literatura e romper com a visão de apêndice da disciplina de Língua Portuguesa, para então como um dos meios para propor possibilidades de humanização. Para Cosson (2011, p.17), a literatura nos diz quem somos e nos incentiva a desejar e a expressar o mundo por nós mesmo.

Diante da assertiva, observa-se que a arte literária tem sua importância no âmbito escolar, porquanto ela contribui no processo de desenvolvimento do indivíduo tornando seres pensantes, autônomos, sensíveis e críticos. É preciso que os profissionais, ao elucidar as maravilhas trazidas pelas leituras literárias, criem

possibilidades a fim de que os alunos possam ser arremessados do mundo da mesmice para o mundo fantástico, atentando-se quanto a relação de empatia com personagens em que eles possam se identificar e estimulá-los a expressar, de formas diversas, sua percepção do texto lido em sala, atentando, principalmente, a peculiaridades a que dão destaque, levando em consideração que uma mesma tessitura literária possui e abraça outros modos de olhar e sentir.

A partir dessas considerações e dentre outras que serão desdobradas, queremos contribuir para formação de leitores e produtores competentes, eficazes e atuantes, além de promover situações de reflexão sobre a prática do professor. Desse modo, esse artigo apresentará uma contextualização teórica sobre letramento literário e a sua prática, que se fomentará partindo da seleção do conto supracitado, para que se engendre discussões relacionados a ele na sala de aula, assim, serão feitas anotações sobre a relação dos alunos com a leitura e a escrita, como ocorre a recepção dos mesmos com o gênero literário, quais estratégias são elaboradas pela professora para atender a proposta do letramento literário, e aplicação de um questionário em que buscamos informações sobre as contribuições que a literatura tem no desenvolvimento da aprendizagem, por último as considerações finais, para ratificar a importância da literatura na formação de leitores, embora seu caráter não se reduza apenas a este prisma.

2 LEITURA LITERÁRIA, LITERATURA E LETRAMENTO

Integramos esses três elementos: leitura literária, literatura e letramento a fim de podermos desenvolver com mais precisão nosso estudo. Durante anos, o ato de ler foi visto como decodificação de símbolos, diferentemente de hoje, em que o uso das habilidades da leitura e da escrita apresenta naturezas heterogêneas as quais são provenientes de contextos sociais variados. Para tanto, é preciso ser capaz de entender, confrontar, induzir, documentar, interagir e interpretar os significados e usos das palavras em conformidade com a cena a que o falante-leitor se insere, como forma de interpretação e expressão de diferentes enunciados, os quais atendam, ou mesmo confrontem membros cuja interação se entretença. Conforme Bamberger (2008, p.32): [...] a leitura suscita a necessidade de familiarizar-se com o mundo, enriquecer as

próprias experiências intelectuais, além de ser um dos meios eficazes de desenvolvimento da linguagem.

Dessa forma não podemos deixar de falar do papel que a escola tem em promover ambientes agradáveis de leitura e evidentemente desenvolver estratégias eficazes com o objetivo de tornar fluido seu exercício tanto pelos alunos quanto pelo corpo docente. Sabemos que nosso ensino, por alguns anos, baseava-se em métodos tradicionais, em que o processo de leitura foi erroneamente colocado como pretexto para abordagens de outras aprendizagens que não o próprio texto literário, como ratifica Marisa Lajolo (1984) em seu artigo *Texto não é pretexto*. Como afirma Zilberman (1985) é inadmissível a escola nos dias de hoje desenvolver trabalhos como estes, mas que haja uma relação dialógica entre leitor e autor tendo como limite dessa o contexto.

Entendemos por contexto, tanto o que é apresentado pelo autor a aquilo que está no texto, como também o significado dado pelo leitor através dos seus conhecimentos. Dessa maneira, a escola deverá passar por um amplo processo de mudanças, primeiramente rever o currículo, preparar a equipe profissional, organizar-se estruturalmente o seu espaço, oferecendo ao público acesso à biblioteca e assim, disponibilizar em suas aulas vários tipos de textos e de leituras, para que os alunos possam se relacionar com as mais diferentes matérias, sendo impulsionados a adentrar nesse contexto da leitura: seja pela curiosidade ou até mesmo pelo que se aproxima da sua vida real e, desse modo, possa fruir o gosto e o prazer por esses textos. Zilberman(2003) descreve que:

"...a sala de aula é um espaço privilegiado para o desenvolvimento do gosto pela leitura, assim como um campo importante para o intercâmbio da cultura literária, não podendo ser ignorada, muito menos desmentida sua utilidade. Por isso, o educador deve adotar uma postura criativa que estimule o desenvolvimento integral da criança." (ZILBERMAN, p. 16)

A literatura tem sua importância dentro do espaço escolar porque ela contribui na formação do educando, através da criatividade e do prazer expresso nas palavras, proporciona também o envolvimento e encantamento dos alunos, possibilitando o seu desenvolvimento e, conseqüentemente, ampliando a sua aprendizagem nos diferentes aspectos. Desse modo, é necessário citar a importância do professor ser um bom leitor, já que o texto trabalhado por ele em sala de aula deverá provocar

significados aos alunos, pois, do contrário, as chances de desprezo pelos textos por parte dos alunos é evidente como declara Lajolo (1984). Ela ainda enfatiza que, se queremos melhorar a leitura dos alunos, é preciso oferecer uma série variada de textos, principalmente os literários, que são os que concedem uma leitura madura e diz: “melhorar aqui não tem nada a ver com memorização ou velocidade de leituras. Tem a ver sim, com níveis sucessíveis e simultâneas de significado que o leitor (aluno) vai construindo para o texto.” (p.58)

A partir dessas questões, resolvemos observar como essas leituras estão sendo trabalhadas no ensino fundamental, principalmente numa turma de 2º ano, fase propícia para saber se as crianças tiveram no ensino infantil, o contato contínuo com as leituras, e se conseguem, a partir de seus conhecimentos, desenvolverem as habilidades práticas da leitura, utilizando também o lúdico para motivá-los a adentrar no mundo da leitura literária. Dessa maneira, entendemos o conceito amplo de literatura posto por Candido (1995) quando diz:

Chamarei de literatura, de maneira mais ampla possível, todas as criações de toque poético, ficcional ou dramático, em todos os níveis de uma sociedade, em todos os tipos de cultura, desde o que chamamos folclore, lenda, até as formas mais complexas e difíceis de produção das grandes civilizações (CÂNDIDO, p. 242).

Assim, não podemos negar a importância que a literatura tem na contribuição da formação do indivíduo leitor e vislumbrar o pensamento de Cosson, (2011) quando diz que a “literatura é um lócus de conhecimentos”, na qual é preciso explorá-los adequadamente. Contudo, as escolas ainda seguem o modelo de currículo em que o ensino da literatura encontra-se arraigada à disciplina de língua portuguesa, predominando no ensino fundamental as interpretações de texto trazidas pelo livro didático, já no ensino médio, resumem-se à bibliografia dos autores, características de escolas e obras. Destarte, a literatura deixa de exercer sua função humanizadora, como relata Cosson, (2011).

Com enfoque ainda na literatura, Lajolo (1984) ressalta o sentido crítico que devemos ter com o texto, destacando que:

É a propósito da literatura que a importância do sentido do texto se manifesta em toda sua plenitude. E é essa plenitude de sentido o começo, o meio e o fim de qualquer trabalho com o texto. Todas as atividades escolares das quais

o texto participa precisam ter sentido, para que resguarde o significado maior do texto. (p.62)

Vimos que algumas ações foram feitas em prol do ensino da literatura nas escolas, com o auxílio dos Programa Nacional do Trabalho Didático através dos módulos literários (PNLD) e do Programa Nacional Biblioteca na Escola (PNBE), campanhas como "Tempo de Leitura" e "Literatura em Minha Casa" dentre outros.

Esses projetos são colocados para subsidiar a prática do professor que deverá está familiarizado com a leitura de textos literários. Na verdade, formar leitores é uma tarefa árdua, visto que eles nos mostram logo a desmotivação quando falamos nesse processo. Porém, não podemos nos conformar, ao contrário, é necessário propormos cenários cada vez mais instigantes para discutimos a valorização da literatura e seu ensino logo nas séries iniciais. Assim, para formar leitores capazes de conhecer e articular com competência o mundo feito linguagem, é preciso, além de ler, saber fazer uso delas.

Com relação ao Ensino da Literatura nos anos iniciais, vejamos o que diz Palo e Oliveira (2006) sobre a literatura infantil e a função utilitário-pedagógico:

[...] a função pedagógica implica a ação educativa do livro sobre a criança. De um lado, relação comunicativa leitor-obra, tendo por intermediário o pedagógico, que dirige e orienta o uso da informação; de outro, a cadeia de mediadores que interceptam a relação livro-criança: família, escola, biblioteca e o próprio mercado editorial, agentes controladores de usos que dificultam à criança a decisão e escolha do que e como ler. (p.13)

Percebemos que esse pensamento permeia o ensino da literatura infantil desde o seu surgimento, por isto que ela é vista como uma forma literária menor, porque apresenta um caráter mais didático (transmitir para a mente da criança seus valores sociais) do que artístico, porém, precisamos direcionar esse ensino as suas vias artística, (literária) valorizando o imaginário infantil, vendo-o como ser pensante que manifesta seus desejos e pensamento próprios, construindo, através dos signos artísticos, sua própria aprendizagem.

Dessa forma "a criança não é vista como um 'adulto em miniatura'", mas é na especificidade de sua linguagem que privilegia o lado espontâneo, intuitivo, analógico e concreto da natureza humana", (p.8) como frisa as autoras acima citadas. Com essas colocações, não podemos ver o letramento literário como uma abordagem

meramente utilitarista, voltada às questões sociais, mas sintonizada com as vias do imaginário, para formar leitores atuantes e críticos.

Ainda sob a influência do livro sobre a criança, Lajolo (1984) fala que, mesmo a presença desses textos que celebram o bom filho e que remetem aos valores sociais, nós, enquanto professores, não podemos reduzir esses textos às formas de dogmatismo, pois assim, estamos desfigurando o mesmo. Os textos são carregados de significados e cabe a cada um, desencadear esse significado de acordo com sua bagagem de leitura e conhecimento. Até mesmo as crianças que ainda não sabem ler, no momento de ouvir as histórias, criam através da imaginação, mecanismo de entendimento. A autora afirma que “mesmo com um texto ruim, se pode fazer um bom trabalho, desde que se trate de um bom leitor.” (p.55)

É a partir dessas ideias que queremos enfatizar a temática letramento. Diferente dos outros países, em que é possível utilizar um único termo para referir-se a capacidade de ler, escrever e utilizar das práticas sociais das mesmas, no Brasil, é preciso ter cautela, pois nossa sociedade encontra-se em estágios diferentes em relação aos países ditos desenvolvidos. Assim, o vocábulo letramento não substitui o termo alfabetização, porém, esses vocábulos se complementam, sendo que, cada um, possui suas especificidades. Levando em consideração que o termo alfabetização é o domínio do sistema de escrita alfabética, e letramento está atrelado ao exercício de práticas de leitura e escrita, seríamos injustos dizer que alguém, ao saber escrever o seu nome, é analfabeto, pois é necessário adquirir, dentro dessas habilidades, competências para saber usá-las.

Dessa forma, buscamos um aprofundamento teórico sobre a temática, em seguida, um estudo de caso para conhecermos como essas práticas estão sendo trabalhadas na sala de aula logo nas séries iniciais, e que contribuição podemos fazer no que diz respeito à formação do leitor.

De acordo com professor e pesquisador Rildo Cosson(2011), autor do livro Letramento Literário que será um dos que nortearão a nossa pesquisa, o termo “letramento” é de uso recente na língua portuguesa e apresenta diferentes níveis e tipos. Nesse estudo, focaremos nossa atenção ao letramento literário, por isso, entendemos que, além de aparato teórico, apresenta também estratégias metodológicas a partir de práticas observadas em suas pesquisas. Nesse processo,

não podemos compreender os textos literários somente pela dimensão social, mas principalmente pelo seu domínio.

Essas considerações oscilam na formação da comunidade leitora que se constrói na sala de aula, mas que vai além da escola. A leitura não pode ser entendida como atividade individual, ao contrário, ela demanda resposta do leitor. Quando esse diálogo se efetiva, podemos falar do sentido verdadeiro da leitura literária e, conseqüentemente, do letramento literário. Daí sua importância dentro e fora da escola.

Segundo Cosson, (2011) o letramento literário deve abordar as três etapas do processo da leitura. Antecipação, decifração e interpretação, como também saber os tipos de linguagem literária que compreendem cada aprendizagem: Aprendizagem da literatura, aprendizagem sobre a literatura e aprendizagem por meio da literatura. Destarte, entendemos que essas aprendizagens só acontecerão de maneira satisfatória se tomarmos como centro do ensino da literatura a experiência literária, em que não podemos simplesmente contemplar a mera leitura das obras, tampouco reduzirmos a literatura ao sistema canônico.

Dessa forma, para a efetivação do letramento literário é preciso que o professor tenha uma visão mais ampla sobre a literatura, sabendo selecionar as obras a partir daquilo que os alunos já conhecem, até o desconhecido, a fim de propiciar o crescimento do leitor por meio da ampliação de seus horizontes de leitura, portanto, é necessário atentarmos para o que diz Cosson, (2011) quanto à seleção dos textos:

O professor não deve desprezar o cânone, pois é nele que se encontrará a herança cultural de sua comunidade. Também não pode se apoiar apenas na contemporaneidade dos textos, mas sim em sua atualidade. Do mesmo modo, precisa aplicar o princípio da diversidade entendido, para além da simples diferença entre os textos. (COSSON, p.35)

Essas ideias devem ser apreciadas pelas escolas onde sejam oferecidos todo tipo de texto, seja novo ou velho, simples ou complexo, a fim de trazer a leitura literária como atividade de prazer e conhecimentos. Ainda sobre essa perspectiva de letramento, apresentaremos a seguir, como foi elaborada e desenvolvida a proposta de trabalhar o conto de fada como contribuição para o letramento literário no ensino fundamental sob as orientações descritas por Cosson (2011), sobre a sequência básica. Conforme o autor citado, essa sequência se constitui por quatro passos fundamentais

para o processo do letramento literário na escola, que são: Motivação, introdução, leitura e interpretação. Lembramos que a mesma não pode ser vista como algo intocável, sendo assim possível misturar esses passos de acordo com as necessidades e características da comunidade leitores.

3 A ESCOLA: DESDOBRAMENTO DO ESTUDO DE CAMPO

A escola é um ambiente propício para o desenvolvimento das capacidades dos indivíduos, é a ela que “a sociedade delega a responsabilidade de prover as novas gerações das habilidades, conhecimentos, crenças, valores e atitudes considerados essenciais à formação de todo e qualquer cidadão” (SOARES apud PINHEIRO, 2006). Dentro dessas habilidades, destacamos a formação de leitores, que não se restringe ao ato de saber ler, por constituir-se de uma visão mais ampla quanto a esse processo, é preciso saber fazer uso de tais habilidades, das quais surge o termo letramento.

Em sua dimensão, Cosson (2011) enfatiza que o letramento literário é uma prática social que deve assegurar seu efetivo domínio. Daí a necessidade que a escola tem de ir além da leitura literária quando se deseja promover esse processo. Assim, o autor mencionado enfatiza a sua função na escola:

Na escola, a leitura literária tem a função de nos ajudar a ler melhor, não apenas porque possibilita a criação do hábito de leitura ou porque seja prazerosa, mas sim, e sobretudo, porque nos fornece, como nenhum outro tipo de leitura faz, os instrumentos necessários para conhecer e articular com proficiência o mundo feito linguagem. (idem, ibidem, p.30).

Para conhecer como estão sendo trabalhadas as práticas de letramento, especificamente o literário, no ensino fundamental, centramo-las na Escola Municipal Lindaura Silva no município de Apodi. Enfocaremos o uso do gênero conto de fada na sala de aula. Por escolhermos o conto A pequena vendedora de fósforo de Hans Christian Andersen, dinamarquês que, sintonizado com as ideias românticas, fala para as crianças com a linguagem que intenta atingir a subjetividade do leitor, sua escritura, além de convidar o seu leitor para divagar no maravilhoso, sustentam-se pela realidade cotidiana, na qual impera a injustiça social e o egoísmo.

A partir de então, empenhamo-nos em cada detalhe da aula, a fim de compreender como a literatura é vista na sala de aula, partindo das seguintes problemáticas: Quais estratégias são elaboradas pela professora para atender a

proposta do letramento literário? Como é feita a recepção dos alunos com os gêneros literários? Como é feita a seleção dos textos literários a serem trabalhado em sala de aula? Quais as contribuições que a literatura tem no desenvolvimento da aprendizagem? Qual a relação dos alunos com a biblioteca? Como é feito esse trabalho? Dentre outras.

Nessa perceptiva, observamos uma turma do 2ºano Ensino Fundamental, composta por 24 alunos da escola mencionada, e partimos do pressuposto de que, as leituras literárias devem ser colocadas desde cedo no currículo escolar para um bom desenvolvimento das nossas crianças, que passam a interagir logo no início de sua vida escolar, fantasiando através do encantamento provocado pelas leituras literárias. Por isso, buscamos conhecer como está o desenvolvimento desses pequenos leitores. Assim, conversei com a professora Maria das Graças que acolheu alegremente a proposta elaborada de escolarização do conto citado, tendo em vista que ela desenvolve essa atividade há 20 anos. Houve diálogo com a docente, com o objetivo de me situar quanto às atividades desenvolvidas, bem como o livro didático adotado, que é intitulado Letramento e alfabetização 2º ano, pertencente à coleção Hoje é Dia de Português, da autora Samira Campedelli publicada pela editora Positivo, escolhido pela professora.

Além do livro, ela relatou que gosta de desenvolver o planejamento das aulas, não só tomando como base o livro didático, mas também desenvolve outros projetos, como o de leitura, denominado “Leitor do ano: gêneros textuais na prática” feita no início do ano pela equipe e desenvolvida durante todo o ano letivo. As aulas sobre os gêneros literários são trabalhadas nas aulas de português, pois nesse nível não existe no currículo oficial do ensino fundamental a disciplina de literatura, por isso, é cultivada nas aulas de português de forma restrita.

Sabemos que o livro didático é um dos muitos recursos a serem usados pelo professor, não sendo, no entanto, obrigado a seguir passo a passo. A coleção adotada pela professora é muito interessante, pois, o nome “Letramento e Alfabetização”, já traz logo a ideia de inovação. Esse livro, que é muito ilustrativo, é composto por oito unidades, cada uma apresenta três seções: conversando sobre o texto, compreendendo a escrita e produzindo texto, seguindo o glossário, sugestões de

leitura, referências e material de apoio, além do manual do professor com dicas importantíssimas.

Observamos que o livro apresenta o texto como base significativa na construção dos conhecimentos, assim, abrange uma diversidade textual, seja através da linguagem verbal, não verbal ou mista (verbal e não verbal). Os alunos têm acesso aos gêneros textuais que circulam socialmente, como tirinhas, história em quadrinho, placas de sinalização, símbolo, poemas, músicas, poesias, adivinhas, trava-língua, parlendas, receitas, lendas, cartas, dentre outros, objetivando desenvolver as competências da leitura e da produção textual. Podemos observar que a autora do livro didático vai sempre de encontro com as orientações sobre a formação de leitores, na perspectiva do uso de diferentes gêneros expresso nos Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa do Ensino Fundamental.

Para Todorov(2005) a análise das obras feitas nas escolas, não deveria ter por objetivo ilustrar os conceitos linguísticos ou de teóricos literário, uma vez que, sendo esses textos apresentados como aplicação da língua e do discurso, deveria ter o acesso de todos, e que, efetivando os sentidos dessas obras, nos conduza ao conhecimento humano, importante a todos.

Sobre o projeto citado acima, os gêneros são trabalhados a cada bimestre, em dois dias por semana, com atividades diferenciadas: uma de cada gênero é escolhida para o portfólio do aluno e no final a escolha do leitor do ano. A professora também falou da sacolinha da leitura, outra ideia bastante plausível na construção da leitura, sendo esta realizada duas vezes na semana: o aluno leva a sacolinha com o livro dentro pra fazer a leitura em casa, e, a partir da leitura realizada, faz um desenho que representa o enredo, ou um texto breve, relatando o que mais gostou, despertando-o também para o exercício da escrita.

Na sala de aula, os alunos contam a história para os demais, atividade que visa o desenvolvimento da oralidade, e, neste espaço escolar, há o momento das rodas, nas quais os educandos interagem de forma lúdica com os textos.

Segundo a professora, além desses projetos, existe o trabalho de empréstimo de livros de narrativas e poesia, feita pela responsável pela sala de leitura. A professora informou ainda que, nessa sala, realiza atividades diversas como jogos didáticos, assistem aos vídeos, roda de leitura, dentre outras atividades.

Quanto à formação do aluno leitor, a professora destaca que, sua turma possui 24 alunos, sendo que 16 já sabem ler. Ela relata ainda que a aceitação é boa quanto às leituras literárias e diz que “o contato da criança com o imaginário nas palavras promoverá o desenvolvimento da aprendizagem com eficácia”. Destaca ainda que, em seu trabalho, tem sempre buscado oportunizar, através da leitura, formar leitores competentes.

A partir dessas considerações, o que podemos constatar é que a escola tem, de certa forma, contribuído para a formação leitora, já reconhece que é necessário fazer da leitura literária uma prática significativa que contemple o processo de letramento direcionado a essa modalidade, porém, mesmo havendo ideias inovadoras, como o projeto e a sacolinha de leitura, podemos observar que, na prática diária em sala de aula, ainda precisa haver alguns ajustes que contribuam para enriquecer as aulas, talvez um despertar por novas metodologias, formas diferente de trabalhar com esses gêneros literários e aqui quero recomendar a proposta por Cosson (2011). Para melhor compreender, esse pesquisador propôs sistematizar nas atividades de leitura literária na sala de aula as duas sequências: a básica e a expandida. O objetivo de tais sequências, de acordo com autor, é apresentar duas possibilidades concretas de organizar as estratégias focadas nas aulas de literatura do ensino básico, não sendo vista como modelos, mas sim como exemplos do que pode ser feito.

4 O CONTO DE FADAS NA SALA DE AULA

A Pequena Vendedora de Fósforo de Hans Cristian Andersen é um exemplo vivido ainda por muitas crianças nos dias atuais. Vítima da miséria, fome, do abandono, excluída socialmente, sem abrigo, a “menina” cujo nome não lhe é atribuído pelo narrador – o que revela a exclusão social a que era subjugada, sai às ruas na tentativa de vender fósforo para garantir sua sobrevivência e ajudar no sustento da família. Enfrenta, sozinha, noites frias e ruas desertas, sem quantia alguma, a pequena acomoda-se na calçada e vê um belo jantar, família feliz, presentes, pois era noite de Natal. Em meios aos seus devaneios, a cada fósforo riscado, a Menina sentia a sensação plena de felicidade, conforto e bem estar, porém, quando surgiu o amanhã, havia dormido para sempre.

O autor menciona além dos limites entre a vida-morte, também as zonas fronteiriças da personagem como pessoa que buscava, nos sonhos e fantasias, o alívio para o sofrimento e, assim, manter-se viva. Faz-nos refletir sobre as problemáticas sociais e existenciais, como também nos cuidados que devemos ter com as crianças, fazendo valer seus direitos assegurados no Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA). Através da imaginação, essa narrativa provoca no leitor o envolvimento fantástico de busca, expectativas a cada momento em que a personagem enfrenta sozinha: seja nas suas adversidades estendidas nas ruas desertas, seja na representação (aparição de algo) a cada fósforo riscado e, por este, um meio de acender seus sonhos de criança.

Observaremos, a seguir, as estratégias feitas pela professora no desenrolar da aula sobre o conto A pequena vendedora de fósforo. Quero aqui ressaltar que, não iremos, em momento algum, culpabilizar o professor, pois as colocações são feitas como forma de contribuir para um trabalho eficaz, explorando leituras potenciais para a criança que está no Ensino Fundamental I, mais precisamente o segundo ano, que é o nosso foco.

Assim iniciaremos abordando os momentos composto pela sequência básica:

Motivação: De acordo com Cosson (2011), consiste num momento de preparação para receber a obra a ser lida. Em relação à turma escolhida, a professora iniciou questionando sobre o que é conto? Quais contos eles conheciam? Conforme os alunos citavam os contos que conheciam, a professora ia listando no quadro-negro. Depois, ela chamava cada um pelo nome, que vinham à frente fazer a leitura em voz alta do conto que eles conheciam.

Queremos aqui ressaltar que, todos foram instigados a participar e que tivemos uma aceitação grande até por parte daqueles que, mesmo não sabendo ler, não se intimidaram em recitar o que conheciam. Assim, ficamos cada vez mais convictos da importância do papel do professor em motivar esses pequenos a adentrar no mundo da leitura, contribuindo para a efetivação do letramento.

Introdução: Consiste em apresentar a obra e o autor. A professora escreveu no quadro o nome do conto A pequena vendedora de fósforo, pediu que todos lessem e perguntou se eles conheciam o conto, como ninguém mostrou conhecer, apresentou o livro com as ilustrações da história, o nome de quem a fez e o nome do ilustrador.

Em seguida, pregou na parede um cartaz em papel madeira com as partes do livro fotocopiado para chamar a atenção dos alunos: todos queriam participar e ler a historinha. Sobre o uso do livro-ilustração, estratégia utilizada pela professora, Palo (2006) e Oliveira (2006) corrobora dizendo que: [...] os textos-ilustração permitem maior eficácia ao processo de comunicação, garantindo que as informações da narrativa criem hábitos associativos no pensamento da criança, graça ao estímulo das imagens. (p.15/16).

Importante lembrar que, não é recomendado se estender muito nessa apresentação, tanto do livro, como do autor, para que o aluno não perca o prazer da descoberta.

Leitura: Foi dividida em dois momentos, primeiro ela pediu para que cada aluno lesse uma parte. Depois da leitura feita por eles em voz alta, a professora leu para todos ouvir, e em seguida, fez vários questionamentos: Qual era o nome do conto? O que fazia a menina? Porque ela vendia fósforo? O que aconteceu quando ela acordou? Como vocês recriariam essa história?

Interpretação: É a construção do sentido do texto dentro de um diálogo que envolve autor, leitor e comunidade. No processo de letramento aqui discutido, a professora, logo após o momento de leitura, pediu aos alunos que ainda não sabem ler, para recontar a historinha e depois a representasse através de desenhos. Aos demais, foram propostas atividades com intuito de criarem um final diferente para o conto e de fazer a leitura oralmente para os colegas.

Quanto a esse momento, houve grande agitação entre eles, pois cada um queria construir primeiro seu desfecho e, como eles ainda não dominam a escrita, é necessário cautela, porque eles querem a presença do professor junto deles, não sendo possível, no entanto, atender a todos ao mesmo tempo. Foi a partir desse momento que surgiram os questionamentos por parte deles: “tia o que é fósforo? Vagava? Exalava?”. De acordo com Cosson (2011), as atividades de interpretação não têm restrições, porém, é importante manter seu caráter de registro do que foi lido, de acordo com as necessidades e características da turma

Importa relatar que atingimos a finalidade do letramento, que foi o encantamento e a interação dos alunos com o conto, até mesmo aqueles que não sabiam ler foram letrados literal e literariamente. Por ser uma turma de crianças na

faixa etária de sete anos, preferimos contextualizar, refletindo sobre as questões sociais abordadas no conto “a pequena vendedora de fósforo” como a pobreza, abandono, sofrimento, medo, a falta de moradia, a exploração do trabalho infantil e dentre outras, do que adentrar nas questões relacionada a mecanismos de ordem linguístico-gramatical.

Avaliação: Esta acontece de forma contínua durante o processo, principalmente na leitura e interpretação. De acordo com Cosson (2011), a avaliação, seguindo o objetivo maior de letramento literário na sequência básica, passa por três momentos: Primeiro pelos intervalos que acompanham a leitura da obra, seguindo a discussão e o registro da interpretação. Esses registros foram feitos de forma diversificadas, a fim de atendermos a todos que estavam envolvidos no processo, assim, os alunos alfabetizados criaram um final para o seu conto e os demais representaram através de desenhos.

Conforme o autor:

[...]a leitura do aluno deve ser discutida, questionada e analisada, devendo apresentar coerência com o texto e a experiência de leitura da turma. Só assim se poderá aprofundar os sentidos que se construiu para aquela obra e fortalecer o processo de letramento literário individual e de toda turma.(COSSON,p.113)

Esses momentos foram essenciais, pois pude perceber a alegria, o entusiasmo e o gosto daquela turma pelas leituras, confirmando o que já tinha falado acima. Destarte, as leituras devem ser trabalhadas logo no início do processo de escolarização, tendo suas atividades acrescidas de acordo com o nível da turma, havendo surpresas agradáveis de alunos que, embora não saibam ler e escrever, participou e acompanhou a leitura junto aos alfabetizados. Com isso, ficamos surpresos pelo nível da turma. Eles não se intimidaram com minha presença, ao contrário, muitos foram prestativos, mostrando seus cadernos, suas atividades, e, quando questionei sobre quem gostava de ler e porque, eles respondiam sem timidez.

Diante dessas considerações, podemos citar, mais uma vez, a importância do papel do professor leitor em desenvolver estratégia para eficácia na formação de leitores. Ao focar esse aspecto, sabemos que não é só responsabilidade do professor, mas de um conjunto, comunidade escolar, família e sociedade. Assim, cabe

a todos empenharem-se na construção do indivíduo, proporcionando espaços em que eles possam construir seus conceitos, levantar suas hipóteses, e resolver problemas.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa buscou, a partir dos subsídios teóricos problematizados neste trabalho, adentrar no Letramento, especialmente o Literário, cujo objetivo foi instigar numa comunidade escolar, práticas de letramento utilizadas na construção do processo de aprendizagem, apontando alternativas que colaborem para formação de leitores e produtores competentes e eficazes. Com isso, escolhemos o gênero conto de fada como meio de contribuir com esse processo, assim, buscamos conhecer, por meio um de um trabalho significativo em sala de aula, como estão sendo utilizadas as práticas de letramento no ensino fundamental, principalmente no 2º ano, e qual a relação que os alunos têm com os textos literários.

Para a concretização desse estudo, tomamos como base as orientações de Cosson (2011) mais precisamente, a sequência básica, mas poderíamos ter trabalhado a sequência expandida, adequando-o ao nível da turma, porém, quando sentamos pra planejar, a professora achou melhor trabalhar só com a 1ª sequência, por sua turma ser do 2ºano.

Pela pesquisa realizada, podemos referendar que a escola, nessa faixa etária, faz o uso da literatura, não como disciplina curricular, por não possuir nesse nível, sendo esta trabalhada dentro da disciplina de língua Portuguesa. Os textos literários são introduzidos na sala de aula pelo livro didático, projetos de leituras, livros de literatura e trechos de outros livros, sendo estes bem recebidos pelos alunos. Cabe aqui frisar o quanto é importante o papel do professor leitor, mediador, dinâmico e ativo em conhecer e reconhecer o que é melhor para sua turma.

Foi possível observar, através da visita a sala de aula, que as práticas de leituras literárias são frequentemente trabalhadas, isso pode ser comprovado através do projeto de leitura e da sacolinha de leitura, em que aparece, no caderno, vários registros, além das rodas de leitura promovidas pela professora dentro da sala de aula. Pela desenvoltura da turma, acredito que as práticas de letramento literário deverão ser mais instigadas, as metodologias serem diferenciadas e os professores terem mais oportunidades de participar de cursos promovidos até mesmo pela escola,

quanto à valorização da literatura, pois percebi que as coisas andam pelo viés das práticas pedagógicas em que seus profissionais seguem suas formações.

Quanto à narrativa, podemos falar que a mesma foi utilizada como meio de contribuir para o desenvolvimento do processo de letramento. O conto escolhido, por ser uma narrativa curta, possui também uma linguagem que remete ao mundo fantástico, engendrado pela personagem, tornando sua leitura um exercício lúdico, instigando o exercício do imaginário dos alunos. A temática é voltada para as questões sociais, a personagem é excluída e discriminada do social, como também enfrenta, sozinha, situações difíceis para garantir sua sobrevivência. Através dos sonhos, é levada a criar uma idealização vivida na ausência de alguma coisa que lhe falta, a comida, a casa, o acolhimento da família e segurança financeira.

A partir do que foi exposto, podemos dizer que a indicação do conto foi feita como uma forma, em meio a tantas outras, de trabalhar o letramento nas séries iniciais, contribuindo para que o professor das séries iniciais, e até mesmo os leitores desse artigo, encontrem significados para utilizar esse gênero em sala de aula, de modo a perpassar, não a ideia do ler por ler, mas de um instrumento eficaz entre as inúmeras possibilidades de desenvolvê-lo no contexto escolar.

O letramento, assim como a alfabetização, é um direito que todo o cidadão tem em exercer sua cidadania, pois através das habilidades de leitura e escrita, o cidadão participa da sociedade. Ao discutirmos uma proposta de letramento, em que a leitura deverá ir além da decodificação, constatamos o quanto é necessário fazer o uso da leitura que deve estar intimamente ligada ao contexto de produção. E como estamos trabalhando com o texto literário, nos deparamos com vivências que, embora não sejam as nossas, desvela sempre a nossa condição de seres humanos.

A escola é um lugar propício para desenvolver nos alunos as habilidades e competências necessárias, visto que, é nesse espaço que muitas crianças têm acesso aos livros e aos textos literários, tornando-os aptos a responder as demandas sociais. Dessa forma, podemos concluir que, a proposta do letramento literário, mais do que motivar a leitura literária no âmbito da sala de aula, tem o propósito de fazer com que o aluno perceba que é um viés para vida.

Nesse sentido, é evidente que o professor, enquanto mediador, precisa conhecer a amplitude dessa temática para não correr o risco de não atingir os objetivos. Martins (1994) enfatiza o seguinte:

A função do educador não seria precisamente a de ensinar a ler, mas de criar condições para o educando realizar a sua própria aprendizagem, conforme seus próprios interesses, necessidades fantasias, segundo as dúvidas e exigências que a realidade lhe apresenta. (MARTINS, p.34).

Por isso, é importante que os profissionais estejam atentos as suas práticas, se atualizem e encontrem na leitura o objetivo de expandir seus horizontes de leitores críticos, e assim, possam criar as condições para o encontro do educando com a literatura onde haja o encantamento pelos textos literários.

REFERÊNCIAS

- BAMBERGER, Richard. Como incentivar o hábito da leitura. São Paulo: Ática, 2008.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais. Língua Portuguesa: Ensino de primeira à quarta Série. Brasília, 1998.
- CÂNDIDO, Antônio. Vários Escritos. O Direito à Literatura. 3ª Edição. São Paulo: Duas Cidades, 1995
- COSSON, Rildo. Letramento Literário: teoria e prática. 2. ed., 1ª reimpressão.-São Paulo:Contexto 2011.
- FERREIRA, Liliana Soares. Produção de leitura na escola: a interpretação do texto literário nas séries iniciais-Ijuí: Ed.UNIJUÍ, 2001._184p._ (coleção educação).
- KLEIMAN, Ângela B. Os Significados do Letramento: Uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita. Campinas, SP: Mercado de letras, 1995.
- MARTINS, Maria Helena. O que é leitura. 19. ed.São Paulo:Brasiliense,1994.
- PAIO, Maria José, 1932- Literatura infantil: voz de criança/Maria José Paio, Maria Rosa D. Oliveira. -4ª. ed.-São Paulo:Ática,2006
- PINHEIRO, Marta Passo. Letramento literário na escola: um estudo de práticas de leitura literária na formação da “comunidade de leitores”. 2006. Tese (Doutorado em Educação)- Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte. 2006

SOARES, Magda. (2003) Letramento: um tema em três gêneros. 2ª Edição. Belo Horizonte: Autentica.

ZILBERMAN, Regina. A literatura infantil na escola, 11. ed. rev., atual. e ampl. São Paulo: Global, 2003.

_____.(Org.).Leitura em crise na escola: as alternativas do professor.3.ed.Porto Alegre: Mercado Aberto,1984

Anexo – Questionário

1. Tendo por base sua experiência de vida como professora e aluna que já foi, o que significa pra você o ato de Ler?
2. Você considera seus alunos leitores?
3. Na sua concepção, o que caracteriza um bom leitor?
4. Quanto à leitura literária, como você trabalha em sala de aula?
5. Como é feita a seleção desses textos literários?
6. Qual a recepção dos alunos quanto aos gêneros textuais?
7. Quais as contribuições que a literatura tem no desenvolvimento da aprendizagem?
8. Podemos afirmar que nas séries iniciais do Ensino Fundamental, leitores de literatura estão sendo formados?
9. Quais suas contribuições, como professora, no desenvolvimento do letramento literário?
10. Como foi feita a escolha do livro didático? Você participou da escolha da sua turma?
11. Você gosta de trabalhar com o livro didático? Por quê?
12. A escola disponibiliza alguns materiais além do livro didático? Se sim, quais?
13. Existe algum estímulo quanto ao despertar para as leituras?
14. Qual a relação dos alunos com a biblioteca? Como é feito esse trabalho?
15. Em relação a leitura e a escrita, como você avalia o desempenho dos seus alunos?